

PRÓPRIO 29 (ÚLTIMO DOMINGO DO ANO ECLESIÁSTICO)

23 DE NOVEMBRO DE 2025

LUCAS 23.27-43

1 TEXTOS DO FINAL DE SEMANA

1.1 Salmo 46

O salmo 46 é um salmo de confiança em tempos difíceis. Não é à toa que Lutero usou esse salmo de inspiração para compor a letra do hino “Castelo Forte”. Vários termos usados pelo salmista expressam essa ideia de segurança: refúgio, fortaleza, socorro bem presente. Além desses termos, a maneira com que Deus é caracterizado reforça a ideia de proteção. Deus está no meio de sua cidade, e é ele próprio a sua ajuda. Essa metáfora geográfica ajuda a criar a imagem de poder – e um poder arrasador, por sinal. Ele é o “Senhor dos Exércitos” que “faz ouvir a sua voz, e a terra se dissolve”, “que tem feito desolações na terra”, que “faz cessar guerras...”, etc. Em outras palavras, ele sabe impor sua vontade quando quer. É esse Deus definido pelo salmista que está conosco – Emanuel, que pode muito bem fazer uma bela ligação com Cristo – Ele é o nosso refúgio. Lutero ressalta essa ligação no hino “Castelo Forte” quando diz “Quem é vencedor? Jesus Redentor, pois outro Deus não há”.

1.2 Malaquias 3.13-18

Pode ser interessante lembrar alguns aspectos do contexto histórico. Em relação ao autor, há uma discussão sobre se, de fato, Malaquias era seu nome real, se era uma espécie de pseudônimo, ou mesmo um livro sem autor definido. O nome do livro significa “meu mensageiro”. O livro é pós exílico, contemporâneo de Neemias. Muitos dos temas abordados

no livro de Neemias, reaparecem nas pregações de Malaquias. Segundo LAETSCH (p.508), o edicto de Dário (Ed 6.6-12), que prometia o financiamento e a reconstrução do templo e de sua manutenção, havia sido reafirmado por Artaxerxes (Ed 7.12-26). Sob Neemias, por volta de 445 a.C., os judeus haviam feito a promessa de pagar uma taxa anual autoimposta de um terço de um shekel de prata por pessoa, bem como outras ofertas como maneira de dar suporte para os Levitas. Esse acordo também previa outras reformas, como o fim dos casamentos misturados, a observância do *Sabbath* e do ano sabático etc. No ano de 432 o rei persa chamou Neemias para a Pérsia. Até esse momento, havia a promessa de cumprimento, mas quando Neemias retorna para Judá, percebe que muitos dos abusos que haviam sido abolidos, foram retomados. Esse mesmo contexto pode ser aplicado para a leitura das profecias de Malaquias.

1.3 Colossenses 1.13-20

Nos versículos 13 e 14, o apóstolo Paulo utiliza muitos termos relacionados à liberdade dada por Deus para seus filhos. No versículo 13, encontramos os verbos ἐρύσατο, que tem o sentido de trazer para si, regatar, salvar, etc.; e μετέστησεν, removeu de um lugar para outro; ἀπολύτρωσιν, redenção por meio de um resgate; ἄφεσιν, uma liberação pela quitação de algo, uma dispensa.

Um outro destaque gramatical interessante está nas preposições ἐν, que revelam o movimento do texto. O versículo 16 destaca que em Cristo, todas as coisas foram criadas (ἐν αὐτῷ - nele) e para ele (εἰς αὐτὸν), no versículo 17, novamente nele (em ele) tudo subsiste; por fim, no versículo 19, nele (ἐν αὐτῷ) reside toda a plenitude, que pode ser entendida aqui como um pleonasmo, uma vez que a palavra “plenitude” já significa uma certa totalidade, e a palavra grega πᾶν também significa “toda” ou “tudo”, que pode ser entendida como uma hipérbole, ou exagero intencional, que pudesse apresentar uma noção do tamanho da obra redentora de Cristo.

Esse texto nos apresenta um daqueles lugares meio cinzentos da nossa teologia que misturam o primeiro artigo do credo com o segundo. O foco nesse texto, com certeza é a obra de Cristo, mas não unicamente a redenção (como se fosse pouca coisa), mas Paulo lembra que

“Tudo foi criado por meio dele (δι’ αὐτοῦ) e para ele”. É esse Cristo apresentado pelo apóstolo que libertou do poder das trevas. Podemos ter confiança nele!

1.4 Lucas 23.27-43

Verifiquei várias traduções em português diferentes que encontrei no site Youversion (cujos textos bíblicos são cedidos pelas próprias editoras como a SBB entre outras), e achei algo interessante. Somente a Almeida Revista e Atualizada separa o versículo 26 do 27. Portanto acho interessante acrescentá-lo à leitura do texto na congregação. O texto diz que a multidão “o seguia”, devemos entender esse pronome “o” faz referência a Simão enquanto carregava a cruz de Cristo. Obviamente a multidão só seguia Simão porque ele próprio também estava seguindo Jesus pelo caminho. Dos 4 evangelhos, somente João não cita Simão. O meu questionamento é o seguinte: o pobre coitado levou a cruz de Jesus em parte do trajeto, mas ele não pode entrar na perícope por quê? Além disso, Mateus e Marcos, que citam Simão, não contam uma história que Lucas conta. Lucas é o único que registra uma conversa entre Jesus e as “mulheres que batiam no peito e o lamentavam”.

De todo o texto, é esse trecho que nos interessará mais a partir de agora. Essa profecia está bem de acordo com o contexto da crucificação de Cristo, que é o evento principal sem sombra de dúvida. Porém este é o último fim de semana do Ano Eclesiástico, o que significa que na semana que vem, inicia-se o Advento. Esse período mistura um pouco alívio e alerta. Isto porque, a ideia da vinda de Cristo acaba trazendo dentro de si mesma – tanto em relação às profecias como em relação ao fato histórico – esses sentimentos conflitantes. E isso deve acontecer. Esses sentimentos envolvem refletir sobre: a fé que os judeus não tiveram no messias; sobre o ministério de Cristo (e sua rejeição – o que causou sua crucificação); sobre nossa fé na obra desse Cristo crucificado; sobre a esperança viva que podemos ter NELE justamente por conta de sua crucificação.

Não devemos esquecer que neste “NELE” reside “toda a plenitude e que, havendo feito paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1.19,20).

A profecia diz respeito à invasão romana de Jerusalém, do ano de 70 d.C. evento da chamada “primeira guerra judaico-romana”. Jerusalém foi destruída e um novo exílio foi imposto. Essa profecia mostra que Jesus, mesmo no meio de seu sofrimento, ainda assim lamenta o futuro de seu povo. Um povo que escolheu rejeitar o próprio Deus? Sim, mas ainda é o povo escolhido por Deus.

Somos confrontados com um Jesus extremamente misericordioso. Ser exposto a essa imagem pode gerar um sentimento de pena de Cristo. O sofrimento de um ser humano deveria ter um efeito entristecedor em todas as pessoas – e, pensando bem, mesmo isso pode parecer demais muitas vezes. Entretanto, eram as mulheres, “filhas de Jerusalém” que “batiam no peito e lamentavam”. Jesus, em seu discurso, mostra o tamanho da dor pela qual aquelas mulheres passariam quando as compara com estéreis – estéreis e viúvas eram os grupos mais vulneráveis na sociedade – portanto as que mais sofreriam. Mas eram elas que lamentavam. Essa lamentação de Jesus não é desprezo nem menosprezo, mas é fala motivada por amor. Aquilo que estava para se completar na cruz era o fim de um sofrimento muito maior.

Esse texto pode muito bem ser usado para ajudar a introduzir o período do Advento em suas duas naturezas. Um aviso de que tempos difíceis vieram para o povo de Deus, e seguirão vindo, mas aquele que morreu na cruz e ressuscitou também vem, e a dor terá um fim!

Daniel Barreira Alves Falkenstein